

4.

Viver para contar

Meu Deus, meu Deus, a quem assisto? Quantos sou? Quem é eu? O que é este intervalo que há entre mim e mim?

Fernando Pessoa, *Livro do desassossego*

Pierre Bourdieu, em *Esboço de autoanálise* (2005), trabalha o tempo inteiro com a moldura da sociologia. Diria Fish (1993), com “olhos de ver” sociologia. Seu texto não faz referência a sua mulher e a seus filhos, mas está cheio de análises sobre suas escolhas teóricas, seus embates intelectuais e suas angústias diante das disputas do mundo intelectual.

Edward Said, teórico da literatura, tem como “moldura” – e uso esse termo pelo que expõe o que está de fora e pelas fronteiras que tenta estabelecer – do “eu” a questão geográfica e cultural na construção da história de uma vida. Ele é eternamente, por essas questões, o *Fora do lugar*. Para ele, os afetos estão enredados pela infância e pela visão humanista, mas não etnocêntrica ou elitista. Tudo passa pela compreensão do papel das humanidades no mundo contemporâneo e sua função política.

Duas vidas, duas vozes, dois livros muito diferentes. Bourdieu chama o seu de autoanálise; Said, de livro de memórias. No entanto, ambos pressupõem a narrativa do aprendizado de vida que se configura de acordo com a convivência na comunidade em que vivem – os sistemas que construíram seu olhar presente; no hoje que compartilham conosco ao lermos – para realizarem

a viagem ao passado. Os dois, em certo sentido, presos em uma identidade narrativa construída ao longo de décadas de trabalho.

Como ego-escritos, as autobiografias intelectuais tornam-se também escritos científicos, dentro do conceito de ciência de Schmidt. Maturana nos alerta que as explicações científicas não fazem referência a realidades independentes do observador, ou seja, a ciência, e a validade das explicações científicas, não se constituem nem se fundam na referência a uma realidade independente que se possa controlar, mas na construção de um mundo de ações comensurável com nosso viver – “coerências operacionais da experiência no suceder do viver do observador” (MATURANA, 2005, p. 55).²⁹

Os dois livros, então, são caminhos explicativos de objetividade-entrepârenteses, um convite que se faz ao outro para entrar “em certos domínios de coerências operacionais”, como diz Maturana, na certeza de que aquele que o faz sabe que existem outras afirmações cognitivas, outras histórias&discursos, igualmente legítimas, em outros domínios de realidade.

Mas nos dois livros em questão estão expostas as suas explicações e escolhas de vidas, que pressupõem – mais uma vez reforço – uma questão ética. A escrita em primeira pessoa do singular como capaz de produzir teoria pela proposta de construção de uma experiência.

Maturana conta que, em seu laboratório, há uma cópia da Declaração dos Direitos Humanos das Nações Unidas, a qual ele incluiu dois pontos: o direito de equivocar-se e o direito de mudar de opinião (2005, p. 72). Por quê? Para ele, a ética está relacionada à preocupação com as consequências que nossas ações têm sobre o outro, e não apenas o estabelecimento de questões racionais de conduta. E isso possibilita expor erros, acertos, mudanças de perspectivas, enfim, construções de histórias de vida.

Ele lembra que, em 1955, estava na Inglaterra com amigos chilenos e visitou uma exposição sobre a destruição e o sofrimento gerados pela bomba atômica lançada em Hiroshima, no Japão. Na saída, um dos amigos comentou

²⁹ “Se digo que quero explicar um raio em um dia de tempestade, o que quero explicar é minha experiência de ver um raio em dia de tempestade” (MATURANA, 2005, p. 55).

que pouco se importava com os japoneses mortos ou feridos, pois não conhecia nenhum deles. Naquele momento, Maturana diz que entendeu algo fundamental: “se não tenho imaginação para incorporar aqueles japoneses no meu mundo, aceitando-os como legítimos outros na convivência, não posso preocupar-me com o que lhes acontece como consequência de meus atos” (MATURANA, 2005, p. 73).

No encontro com o outro, na convivência com pessoas e textos, construo minha identidade: “Às vezes, acreditamos que um discurso, por ser abstrato, não nos atinge, mas não é assim porque, como já disse, o falar tem a ver constitutivamente com o agir” (MATURANA, 2005, p. 77).

Nesse sentido, os ego-escritos, como já afirmado, realizam a comunicação não como algo dado, mas como uma apresentação de si mesmo que evoca outros nos processos correspondentes da vida. Como o discurso é um ato, torna-se aqui também uma escolha ética.

Esse é um pequeno roteiro-emoção que, com base nos pressupostos até aqui desenvolvidos, usarei em minhas leituras. Por isso, muitas citações serão utilizadas com recortes que indicarão não os textos em si, mas, claro, minha leitura editada deles.

4.1.

Implicações subjetivas

A não ingenuidade não exclui uma forma de inocência...

Pierre Bourdieu, *Coisas ditas* (2004)

Em conferência pronunciada em Estraburgo sobre o livro *Homo academicus*, em dezembro de 1984, Bourdieu (2004) faz uma defesa que me parece ter sido pensada para *Esboço de autoanálise* (2005).

Ele fala que a proposta do livro não era mostrar o que é a universidade ou o professor universitário, mas falar sobre um espaço de lutas, assim como o campo social, para saber quem está fundamentado para dizer “a verdade” e expor erros intelectualistas e teoricistas que ameaçam o mundo acadêmico e das ciências sociais ao incitarem a tentação de dizer que sabem mais do que os outros sobre eles mesmos.

Isso a partir do trabalho de objetivação possível pela posição do sociólogo e suas técnicas, tendo consciência de possíveis erros e evitando o maior deles – “esmagar os concorrentes objetivando-os” (BOURDIEU, 2004, p. 117). Além disso, queria demonstrar a diferença entre o trabalho técnico e o de pura reflexão – no científico, o que se diz está enredado em operações concretas, em variáveis que são acrescentadas na análise de correspondências etc.

Essas considerações se tornaram importantes para falar também das possibilidades de uma leitura científica, que diferencia de uma “leitura espontânea”, que quis evitar a todo custo. Diz ter experimentado de modo intenso o temor de que os interesses que os leitores – “oitenta por cento dos quais, levando em conta o que escrevo, com certeza, são membros da universidade” – investissem na leitura fossem limitados a perguntas como “Onde estou no diagrama? O que ele diz de Fulano?, reduzindo ao terreno da

luta no interior do campo uma análise cuja finalidade era observar essa luta e, ao mesmo tempo, dar ao leitor um domínio dessa luta” (BOUDIEU, 2004, p. 117).

Consequentemente, não concorda com as críticas de que o livro seja uma reflexão complacente e decadente da ciência sobre ela mesma: “Para as ciências sociais, a análise sociológica da produção do produtor é imperativa”. Sem contar que a sociologia, como gênero de análise, pode ter uma função clínica e até terapêutica:

A sociologia é um instrumento de autoanálise extremamente poderoso, que permite a cada um compreender melhor o que é, dando-lhe uma compreensão das próprias condições sociais de produção e a posição que ocupa no mundo social [...] pode ter outras funções, políticas e de outros tipos, mas dessa tenho mais certeza. Disso decorre que esse livro exige uma determinada forma de leitura. Não se trata de lê-lo como um panfleto nem de usá-lo de um modo autopunitivo [...]. Na verdade, trata-se de dizer: ‘Eu sou o que sou’. Não é o caso de elogiar nem de reprovar. Simplesmente isso implica todo tipo de predisposição e, quando se trata de falar do mundo social, erros prováveis. Tudo isso, que me faz beirar a pregação – e Deus sabe que não é o gênero que me agrada –, precisava ser dito por que, se meu livro fosse lido como um panfleto, ele se tornaria detestável para mim, e eu preferiria que o queimassem (BOURDIEU, 2004, p. 118).

Quando li *Esboço de autoanálise* (2005) e, posteriormente, *Coisas ditas* (2004), percebi inúmeras e incríveis similitudes. Fruto de palestras, conversas com etnólogos, economistas e sociólogos, Bourdieu aqui já inicia o desenvolvimento de um autorretrato intelectual, aplicando a ele mesmo seu método de análise ao esclarecer certos aspectos de seu trabalho e pressupostos filosóficos de suas pesquisas.

Ele diz que, ao saber quealaria para públicos tão específicos, utilizou recursos retóricos apropriados para, apesar da primeira pessoa do singular, retirar-se tanto quanto possível do texto: “o discurso escrito é um produto estranho, que se inventa, no confronto puro entre aquele que escreve e o que ele tem a dizer” (BOURDIEU, 2004, p. 9). E foi isso que o levou a registrar as falas em um livro: “As incerteza e imprecisões desse discurso deliberadamente imprudente têm assim, como contrapartida, o tremor da voz, que é a marca dos riscos compartilhados em toda troca generosa” (BOURDIEU, 2004, p. 10).

Essas são perspectivas que me permitem inserir Bourdieu na observação de segunda ordem e na produção (e leitura) da escrita de seu ego-escrito.

Ele sempre pesquisou a formação do sujeito, procurando encontrar as margens de liberdade possível contra os mecanismos sociais que o fabricam e, ao mesmo tempo, o encerram. Não foi diferente com a autoanálise. Professor durante 20 anos no Collège de France, seu “esboço” acaba por focalizar os embates entre as principais escolas do pensamento francês na segunda metade do século XX, os conflitos entre disciplinas, e se esforça para desmistificar a atividade intelectual, mesmo expondo a centralidade dela na produção do conhecimento contemporâneo.

Coerente com sua crítica à ilusão biográfica, o livro, nas palavras de Sérgio Miceli, tem a intenção de ser “a resposta veemente a um roteiro quase típico-ideal de perguntas, que permitiriam deslindar a história social de um autor” (MICELI, 2005, p. 8).

Escrito entre outubro e novembro de 2001, na véspera de sua aposentadoria compulsória, e poucos meses antes de sua morte, em 23 de janeiro de 2002, o texto é consequência de seu último curso no Collège de France, quando decidiu submeter-se ao exercício da reflexividade, um dos requisitos fundamentais defendidos por Bourdieu à pesquisa científica: “Ponho a serviço do mais subjetivo a análise mais objetiva” (BOURDIEU, 2005, p. 22).

A primeira edição de *Esboço de autoanálise* foi lançada na Alemanha: *Ein soziologischer selbstversuch* (2002). A edição brasileira, lançada pela Companhia das Letras, foi traduzida da edição francesa – *Esquisse pour une auto-analyse* (2004) – por Sérgio Miceli, que acrescentou a essa edição notas explicativas, uma cronologia de vida e obra e uma introdução intitulada “A emoção raciocinada”.

Além dessa introdução e uma conclusão, *Esboço* está dividido em três partes, que não são formadas por capítulos propriamente ditos. Seguindo suas indicações metodológicas, Bourdieu abre sua autoanálise não pelo início cronológico de sua vida (ou a menção a parentes), mas pela descrição do estado

do campo universitário francês, mais especificamente o da filosofia parisiense na década de 1950, momento em que ingressou na vida intelectual:

Compreender é primeiro compreender o campo com o qual e contra o qual cada um se fez. Sob pena de surpreender um leitor que espera talvez me ver começar pelo começo, isto é, pela evocação de meus primeiros anos e do universo social da minha infância, eis porque devo, como exige o bom método, examinar de início o estado do campo no momento em que nele ingressei, por volta dos anos 50 (BOURDIEU, 2005, p. 40).

Estudou na Escola Normal Superior. Na universidade, percebeu que havia uma hierarquia em torno do curso de Filosofia que dava aos filósofos um sentimento de superioridade, que fazia o mundo social ser mantido a distância dos estudantes. O que para ele muda com as manifestações estudantis de 1968 e a produção de Deleuze e Foucault sobre o poder (ver p. 42-43).

A proposta da segunda parte é compreender como ele procurou inserir-se nesse campo. Apresenta os confrontos e as afinidades entre ele e os outros agentes (os efeitos de “atração” e “repulsão” que os indivíduos exercem a partir de suas posições), assim como suas posições frente às diferentes concepções teóricas então correntes.

Nesta parte estão os trabalhos mais importantes, apresentados a partir de uma linha que nos guia sobre a escolha de seus temas e, de certa forma, de seus pares e suas condutas. Há a crítica a Sartre, a quem ele chamava de intelectual total – “posso dizer que me construí, ao sair do universo escolar, e para daí sair, contra tudo aquilo que para mim representava o empreendimento sartriano” (p. 56) –, mas também uma ácida observação sobre o *habitus* e a força do capital simbólico da educação francesa que não impede, no entanto, a possibilidade da individualidade prevalecer. E ainda fala do seu amor por Raymond Aron, na relação de semelhanças com Sartre:

Chamaria de ingenuidade e até inocência de grandes adolescentes burgueses para quem tudo deu certo [...] acreditavam ingenuamente nos poderes da inteligência. Produtos puros de uma instituição escolar triunfante, que concedia à sua elite um reconhecimento incondicional, transformando, por exemplo, um concurso escolar de recrutamento (a agregação em filosofia) em uma instância de consagração intelectual (basta ver de que maneira Simone de Beauvoir fala de tudo isso em suas memórias), essas espécies de crianças prodígios se viam conferir por decreto, aos vinte anos de idade, os privilégios e as obrigações do gênio (p. 57).

É nesta parte também que pinta um belo retrato de Georges Canguilhem, que muito o ajudou a conceber a possibilidade realista de viver a vida de um intelectual de outro jeito: “Ele se afeiçoara a mim por um destes movimentos de simpatia obscura que se enraíza na afinidade do *habitus*” (p. 59). Exemplo, para Bourdieu, embora tivesse ocupado posições convencionais “no coração do sistema universitário”, exercia sua função de professor de filosofia com simplicidade, sem ênfases, complacências ou concessões:

Os que evocam sua memória falam da voz pedregosa e do sotaque, traços que lhe compunham o jeitão sempre irado, com o olhar de esguelha, engatado em um sorriso irônico, com que acompanhava seus juízos nada indulgentes sobre os costumes acadêmicos (p. 59).

Para os que conheceram Bourdieu e foram seus alunos, esse é quase um autorretrato de quem se entregou à “lógica rigorosa e modesta do trabalho coletivo” (p. 52).

Há também nessa parte duas de suas grandes pesquisas, talvez as mais importantes do ponto de vista individual: uma realizada na Argélia e a outra na região do Béarn, no sudoeste francês. Foi a experiência na Argélia, como já vimos, que promoveu a conversão de Bourdieu da filosofia para a etnologia e, em seguida, para a sociologia. O que, pelas belíssimas passagens, percebemos que não foi fácil nem de viver nem de explicar:

A transformação de minha visão do mundo correlata à minha passagem da filosofia para a sociologia, e da qual minha experiência argelina representa justo o momento crítico, não é nada fácil de descrever, como já disse, na certa porque se fez pela acumulação insensível de mudanças que me foram sendo impostas, pouco a pouco, pelas experiências da vida (p. 86-87).

A palavra não é mesmo muito forte para designar a transformação intelectual e afetiva... (p.87).

[...] o trabalho desatinado era ainda a maneira de preencher um vazio imenso e de livrar-me do desespero ao demonstrar interesse pelos outros; o abandono dos píncaros da Filosofia pela miséria das favelas era, pois, uma espécie de expiação sacrificial de meus irrealismos adolescentes; [...]. E tudo o que disse aqui a respeito das causas ou das razões de cada uma das experiências evocadas, como minhas aventuras argelinas ou meus entusiasmos científicos, mascara, portanto, a pulsão subterrânea e a intenção secreta que constituíam a face oculta de uma vida dilacerada (p. 98).

A segunda pesquisa, em Béarn, remete a uma espécie de acerto de contas, principalmente, com os primeiros tempos. Lesseberg, uma comunidade rural,

representa sua origem e passado social – “os amigos de infância, os parentes, suas maneiras, suas rotinas, seus sotaques. É toda uma parte de mim que me é devolvida, essa mesma pela qual me ligava a eles e a qual também deles me afastava” (p. 90).

Ao mesmo tempo, ele afirma que nada escapa ao frenesi cientificista de quem descobre com certo “maravilhamento” o prazer de objetivar (p. 89). Mas ele descreve de modo afetivo todo o processo de “desconstrução” que empreendeu para conseguir dar objetividade à sua pesquisa naquele lugar tão familiar. Um desafio metodológico e emocional para dar conta de problematizar a realidade que o forjou: “E a compunção objetivista de meu propósito prende-se, decerto, por um lado ao fato de que experimento o sentimento de cometer algo análogo a uma traição – o que me levou a recusar por muito tempo a reedição desses textos”[...] (p. 91).

Seu esforço para manter certo distanciamento fica evidente quando afirma: “O retorno às origens faz-se acompanhar de um retorno, embora controlado, do que fora recalcado. De tudo isso, o texto não guarda mais nenhum resquício” (p. 90).

Em meio aos relatos, às marcas dos afetos, Bourdieu descreve o modo sistemático como desenvolveu seus trabalhos de pesquisa em ciências sociais com tal esforço, que fica explícito o desejo de apresentar sua escolha central por essa forma de pesquisar, ou seja, o desejo de conhecer cientificamente o mundo social e o comportamento humano nele.

Na terceira parte do livro, Bourdieu trata da apresentação dos elementos mais tradicionalmente relacionados à escrita biográfica, mas já começa assim: “Não vou me estender muito acerca das feições de minha família” (p. 109). No entanto, é neste momento que fala de seu “*habitus* primário”: certa propensão ao orgulho e à ostentação masculinos, um gosto pronunciado pela querela, a tendência a indignar-se por ninharias:

Foi na verdade bem devagar que compreendi que o fato de algumas de minhas reações mais banais serem por vezes mal interpretadas se devesse à maneira – o tom, a voz, os gestos, as mímicas etc. – como os expressei, mescla de timidez agressiva com brutalidade estrondosa, até furiosa [...] em certo sentido, levada

muito a sério, em contraste marcante com a segurança sobranceira dos parisienses bem-nascidos [...] (p. 114).

São lembranças da vida com dificuldades – “durante longo tempo fomos buscar água em uma fonte pública” (p. 110) – que afastaram o pai de sua família, o sobrecarregava de trabalho, mas dava a ele ainda mais disposição para ajudar os desfavorecidos – “ele me ensinava sem conversa, pela sua atitude por inteiro, a respeitar os ‘pequenos’, entre os quais se enxergava, e também seus combates [...] Votava cravado na esquerda, estava inscrito no sindicato, o que suscitava alguns problemas naquele mundo rural bastante conservador” (p. 111).

De maneira um tanto quanto irônica, narra o momento do seu acesso ao circuito intelectual/filosófico, seu ingresso no colégio interno, “o racismo de classe ancorado na aparência física ou no sobrenome” (p. 22). Destaca seu sotaque, seus trejeitos e modo de se vestir como algo muito difícil de ser assumido. Pode-se até perceber como justificativas para o que mais tarde vai pesquisar, e de onde surgiram as questões da desigualdade escolar, das lutas sociais, das construções sociais de valores, da análise sempre sob o prisma do poder. Aqui se percebe a questão da sociologia como autoanálise – a certeza de que seu engajamento era fruto da impossibilidade de permanecer indiferente ao sofrimento dos outros e a força que tem a sociologia “ao permitir aos que sofrem descobrirem a possibilidade de atribuir seu sofrimento a causas sociais”, como diz em *Miséria do mundo* (2001).

Parece-me, até certo ponto, prudente observar a proximidade que sua discussão sobre a violência simbólica possui com acontecimentos de sua trajetória de vida.

Bourdieu organizou esse trabalho de acordo com uma lógica analítica que parte de uma dimensão mais “objetiva” – a descrição do estado do campo intelectual, filosófico e universitário francês no momento de seu ingresso – para chegar ao mais “subjetivo” – suas experiências de família, no colégio interno, durante a infância e a adolescência. Provavelmente, para fugir do modelo autobiográfico que tanto criticou – a ilusão de uma coerência cronológica e afetiva de uma vida –, esquecendo-se das questões narrativas.

Mas a intenção de objetividade não torna a escrita dessas memórias menos carregada emocionalmente, como pode ser constatado nas partes especialmente escolhidas para serem aqui degustadas – são evocações de dores, amores, escolhas, repulsas e simpatias, impressões deixadas por suas experiências.

O que explicita, tanto em algumas passagens de *Coisas ditas* como aqui, uma das principais e dilacerantes contradições expostas no texto de Bourdieu, que tenta relacionar dimensões objetivas e subjetivas (internas e “históricas”) separando-as, o que acaba por aprisioná-lo em um dualismo que não dá conta do relato de uma vida.

Como já disse Pierre Nora, “quando se trabalho com carne viva, ela reage e sangra” (NORA, 1984, p. 43). Esse é um dos caminhos que considero mais estimulantes para a leitura desse ego-escrito. O “eu” como marca linguística de uma vida posta em narração, como moldura que expõe a subjetividade da dolorosa percepção de que o código simbólico que permitia a produção de conhecimento não mais corresponde às percepções e aos afetos que marcam seu corpo; de sentir o descompasso entre experiência e conhecimento, e da ousadia de fundir linguagens e trabalhar em um espaço fronteiro, utilizando a fronteira por aquilo que ela delimita, mas também nos espaços que ela explicita.

Essa perspectiva serve tanto para entender parte da dificuldade em criar um personagem no discurso teórico-conceitual como um caminho para compreender as inúmeras tentativas “objetivas” de Bourdieu sobre o motivo de sua escrita, que me parecem feitas para evitar críticas como esta:

É em nome da objetividade científica, tão valorizada por Bourdieu, que conjecturamos se não há sobrecarga de subjetividade no ensaio – expressa inclusive formalmente pelo uso abusivo dos parênteses – a ponto de arranhar a credibilidade de algumas passagens narradas pelo autor (PASSIANI, 2006, p. 211).

Sobrecarga de subjetividade em um texto escrito na primeira pessoa do singular, de estilo autobiográfico, que utiliza a estratégia da narrativa ficcional? Passiani se diz fã de Bourdieu, mas não parece aceitar uma explicação de vida,

como diz Maturana, como forma de aceitar a legitimidade do mundo do outro. E continua:

No texto, mistura de biografia, obra e reflexão crítica, não contamos com outra fonte de informação senão as memórias do próprio autor. Não há como averiguar a **veracidade** do relato. Para isso, seria preciso cruzar os “**dados**” fornecidos com outras fontes (biografia e autobiografias dos interlocutores citados, a leitura das obras com as quais o sociólogo dialogava), **reconstruir a história** do campo intelectual no período com base em bibliografia mais extensa, consultar documentos, realizar entrevistas com os aliados e seus adversários, noutros termos, utilizar um aparato de coleta de dados com o **zelo metodológico** aconselhado pelo mesmo Bourdieu. Caso contrário, podemos supor (e temer) que a história social do autor e a história do campo acadêmico-científico oferecidas obedecem apenas às **disposições mnemônicas** de Bourdieu, que variam de acordo com a posição ocupada no referido campo [grifos meus] (PASSIANI, 2006, p. 212).

Passiani resume questões que pairam sobre escritas em primeira pessoa do singular de intelectuais que, ao deslocarem para fora o sujeito da construção teórica tradicional, que representa uma instância geral do discurso, e trabalharem com a ideia de autobiografia, questionam a separação entre ciência e experiência, vida e trabalho, teoria e escrita literária.

Bourdieu suscitou polêmicas e reflexões sobre práticas científicas, muito em função de sua identidade como teórico e de defender a introdução no olhar teórico de “uma teoria de distância entre a teoria e a prática” (BOURDIEU, 2004, p. 115), mas sua autoanálise evoca situações, fatos, teorias, pessoas conhecidas, publicadas, assumidas. Além do fato de ser prioritariamente escrita para pessoas que compartilham essas experiências já narradas. Realmente, o que não se comprova são suas emoções, que se concretizaram no texto do *Esboço*.

Bourdieu não é um narrador ingênuo e tem a consciência construtiva do observador de segunda ordem. Como lembra Heidrun Krieger Olinto, intelectuais como ele, ao escreverem suas histórias, assumem o paradoxo do narrador contemporâneo que, “ao falar de si, sabe da impossibilidade de falar de si” (OLINTO, 2006, p.21). Por isso, ao escolher a escrita em primeira pessoa, provoca questionamentos sobre a **veracidade** dos **dados**, a **construção** da **memória** e a relação disso com os **métodos** sociológicos.

Mas, mesmo assim, o texto é cheio de ressalvas. Logo na introdução, ele avisa:

Isto não é uma autobiografia. Não pretendo me sacrificar ao gênero autobiográfico, sobre o qual já falei um bocado como sendo, ao mesmo tempo, convencional e ilusório. Queria apenas tentar reunir e revelar alguns elementos para uma autoanálise (BOURDIEU, 2005, p. 37).

Quanto ao termo autoanálise, adverte: “Ao adotar o ponto de vista do analista, obrigo-me a reter (e permito-me fazê-lo) todos os traços pertinentes do ponto de vista da sociologia, isto é, necessários à explicação e à compreensão sociológicas, e tão-somente esses traços” (p. 37).

O livro ainda tem muitas justificativas para a escrita em primeira pessoa que, o tempo todo, aparecem para esclarecer que, apesar de ser um livro de memórias, não é ficcional ou biográfico. O olhar de Bourdieu para si mesmo é bastante controlado, como, para ele, deve ser o do sociólogo. Em notas preparatórias para o trabalho, aponta para a necessidade de “instar o leitor a se perguntar por que está lendo” (p. 22). Para ele, a necessidade de organizar o subjetivo de modo objetivo significava dar ao leitor instrumentos de análise, mas também tentar dar uma adequação final do pesquisador à sua concepção de verdade científica.³⁰ Isso já torna seu empreendimento de autoanálise bastante paradoxal.

Mas, apesar das perguntas que possam girar em torno de possíveis incoerências entre o trabalho de Bourdieu e a escrita realizada como autoanálise, o que me fascina é pensar a prática dessa escrita como consequência de reflexões de um intelectual envolvido com questões acerca das formas de produção do conhecimento contemporâneo e as dificuldades de pôr uma vida em narração.

Não se trata apenas de pensar sobre o que se faz, mas a tentativa durante as mais de cem páginas do *Esboço* de explicitar, na prática da escrita, a possibilidade de adequar as experiências com os relatos delas, questionar as estruturas herdadas do passado e diminuir a tensão, que parece irrevogável,

³⁰ É interessante perceber que até as fotos incluídas no livro (p. 23-33) são de trabalho. Era o trabalho que, leremos no livro, mudou sua vida, mas sua imagem não está incluída ou retratada e exposta nas fotos apresentadas.

entre o modo como sentimos que vivemos e as formas usadas para exprimir essa sensação. E isso não envolve apenas modos de percepção e avaliação de modelos teóricos, mas escolhas teóricas, de seus embates intelectuais e de suas angústias diante das disputas do mundo intelectual, que se não buscam coerências, tentam encontrar nexos entre as escolhas feitas.

Essa é uma questão que fica clara em uma das belas passagens do texto que remetem, o tempo inteiro, para as contradições vividas em torno das molduras sociológicas de seu olhar e da experiência, sentidas na carne, das dolorosas contradições que viveu no mundo acadêmico, enredado por concepções dualistas do mundo (por mais consciência que tenha delas, o que fica claro em textos aqui já citados). O trecho fala de sua aula inaugural no Collège de France:

Eu havia acreditado enxergar, enfim, uma saída para a contradição em que me engancha o próprio fato da consagração social, o qual abala minha imagem de mim: tomar como objeto de minha aula o fato de dar uma aula inaugural [...] Mas subestimara a violência do que, em lugar de um simples discurso ritual, tornava-se uma espécie de ‘intervenção’, no sentido que lhe conferem os artistas. Descrever o rito na própria consumação do rito equivalia a cometer o barbarismo social por excelência, que consiste em pôr a crença em suspenso, ou pior, em questioná-la e colocá-la em perigo exatamente no momento e no lugar em que seria apropriado celebrá-la e reforçá-la [...] Alguém dirá que tinha a voz sumida. Esboço um movimento de parada brusca e de ir embora [...] Vou até o fim da corda bamba. Depois, sinto um terrível mal-estar, ligado ao sentimento de gafe, mais do que da transgressão. [...] Falo a torto e a direito, em meio ao relaxamento que se segue a uma enorme tensão, com o sentimento de ter sempre que pagar um preço muito elevado por tudo [...] Não foi a única vez, em minha vida, que experimentei o sentimento de estar constrangido por uma força superior a fazer algo que me custava muito e cuja necessidade só eu mesmo atinava (p.131-132).

Apesar de o livro reforçar a íntima aproximação do pensamento crítico profissional do sociólogo com as escolhas de vida, Pierre Bourdieu disse que escreveu também para desencorajar biógrafos e para revelar informações que teria gostado de encontrar quando tentava compreender escritores ou artistas do passado e, dessa forma, prolongar a análise (p. 131). E confessa:

Logrei assumir o ponto de vista do autor, como dizia Flaubert, ou seja, colocar-me em pensamento no lugar que, escritor, pintor, operário ou empregado de escritório, cada um deles ocupava no mundo social: o

sentimento de aprender uma obra e uma vida no movimento necessário de sua realização e de estar, portanto, apto a conferir-me uma apropriação ativa de ambas, *simpraxia* em lugar de *simpatia*, voltada ela mesma para a criação e a ação (p. 134).

Maturana (2005) afirma que a tarefa de criar uma democracia começa no espaço da emoção, com a sedução mútua, para criar um mundo no qual continuamente surja de nossas ações a legitimidade do outro na convivência, sem discriminação ou abuso sistemático.

Na percepção construtivista devemos perceber as modificações introduzidas pelos observadores nos objetos observados e a compreensão da relatividade da história como fenômeno social. É a aproximação entre vivência (escrita) e experiência (produção de conhecimento) e a possibilidade de integrar a memória e seus lugares na construção de espaços autobiográficos.

No livro, participamos, através da leitura, dos debates da época, que proporcionaram o impulso para a reflexão explícita sobre os fundamentos epistemológicos e metateóricos, sobre as condições de atividade do cientista/teórico e sobre a razão prática de suas disciplinas. Elos expostos entre percepção de si, vivência em uma comunidade científica e as formas de impacto e interação desses modelos de teorização de atitudes sociais e políticas com práticas da vida.

Jerome Bourdieu, filho de Pierre, disse em uma entrevista quando do lançamento da edição francesa, que era impossível datar com precisão o projeto de autoanálise (MAGGIORI, 2004). Em 1995, ele coletou fragmentos e notas, trechos de diários, reflexões, histórias (relacionadas com momentos específicos de sua vida, como a guerra na Argélia ou o internato de Pau). Em seguida, buscou uma nova forma de escrita e organização do texto. O livro em si, na sua última versão, foi escrito durante o outono de 2001, isto é, nos poucos meses antes de sua morte. Mas não foi escrito com a intenção de encerrar o trabalho por uma introspecção que o dominou quando descobriu que seu fim se aproximava. Esse é um trabalho em desenvolvimento, um esboço:

De certa forma, este texto nunca deveria ter sido publicado na França. Pierre Bourdieu queria continuar trabalhando com base no texto publicado na Alemanha. A versão que ele havia adotado, as notas que ele escreveu... ele

discutiu muito sobre isso com seus entes queridos. O que demonstra que o texto hoje editado é um trabalho em progresso (MAGGIORI, 2004).

Em todo caso, ele representa a culminância de um trabalho que aborda a questão da biografia (e a ilusão biográfica) e a implementação de uma sociologia reflexiva, tendo como objetivo a adoção do ponto de vista sociológico. Por isso, segundo Jerome, ele escolheu que o texto fosse publicado primeiramente na Alemanha. Como falava sobre o funcionamento do campo intelectual francês, o livro deveria ser lido, e sentido, de alguma forma por leitores que não faziam parte dele – o sucesso do experimento depende da divisão do universo entre intelectuais alemães e franceses.

No entanto, o esboço se apresenta como uma produção autobiográfica que, mais do que narrar etapas de vida cronológica, afetiva ou reconstituir intrigas, construiu uma memória que pretendeu relatar uma trajetória intelectual, e apontou possibilidades com as quais aqui pretendi também trabalhar: uma nova prática teórica, autorreflexiva, sincera, que nos ajude a produzir conhecimento e compartilhar, explicitamente, experiências de vida (com a possibilidade de incluir afetos em suas construções):

E nada me deixaria mais feliz do que lograr levar alguns dos meus leitores ou leitoras a reconhecer suas experiências, suas dificuldades, suas indagações, seus sofrimentos etc. nos meus e a poder extrair dessa identificação realista, justo o oposto de uma projeção exaltada, meios de fazer e de viver um pouco melhor aquilo que vivem e fazem (BOURDIEU, 2005, p. 135).

4.2.

Histórias de afetos

Às vezes, me sinto como um feixe de correntes que fluem. Prefiro isso à ideia de um eu sólido, à identidade a que tanta gente dá importância. [...] Elas escapam e podem estar fora do lugar, mas pelo menos estão sempre em movimento, no tempo, no espaço [...] Uma forma de liberdade, eu gostaria de acreditar, embora esteja longe de ter certeza disso. [...] Com tantas dissonâncias em minha vida, de fato aprendi a preferir estar fora do lugar e não absolutamente certo.

Edward Said, *Fora do lugar* (2004)

Edward Said escreveu o que escolhi para epígrafe deste trabalho na última página de suas memórias. É assim que ele chama a escrita de um livro que começou a ser elaborado a partir do diagnóstico médico “fatal” de leucemia e se desenvolveu durante parte de seu tratamento: “Isso me fez considerar importante deixar um relato subjetivo da vida que vivi no mundo árabe, onde nasci e passei meus anos de formação, e nos Estados Unidos, onde cursei o colégio e a universidade” (2004, p. 11).

Fora do lugar (2004) é o nome do livro, e já indica a adoção da “moldura do eu” relacionada à questão geográfica e ao movimento de um corpo, de emoções, no tempo e no espaço da construção da história de uma vida.

Logo no prefácio, Said explicita todos os caminhos que escolheu para falar de si:

Eu me vi contando a história de minha vida sobre o pano de fundo da Segunda Guerra Mundial, da perda da Palestina e do estabelecimento de Israel, do fim da monarquia egípcia, dos anos Nasser, na Guerra de 1967, da emergência do movimento palestino, da Guerra Civil Libanesa e do processo de paz de Oslo. Eles estão na minha memória apenas de modo alusivo, embora sua presença fugidia possa ser vista aqui e ali (p. 14).³¹

³¹ É interessante essa observação, uma vez que apenas em 1967, segundo o próprio Said, quando Israel ocupa os territórios palestinos, é que ele se torna um ativista político, tendo consciência do que cada fato destes citados tem em sua vida e na do povo árabe. É com esse olhar que ele volta à infância.

Com a linguagem, é a geografia – especialmente na forma deslocada de partidas, chegadas, adeus, exílios, nostalgia, saudades de casa e da viagem em si – que está no cerne de minhas lembranças daqueles primeiros anos (p. 15).

Eu e somente eu sou responsável pelo que recordo e vejo, não indivíduos do passado que não poderiam saber que efeito tiveram sobre mim. Espero que fique claro também que, tanto na qualidade de narrador como na de personagem, resolvi conscientemente não poupar a mim mesmo das mesmas ironias ou revelações embaraçosas (p. 16).

É totalmente diferente como proposta do livro de autoanálise de Bourdieu. Não busca justificar a escrita na primeira pessoa do singular, porém, as mais de 400 páginas do livro estão repletas de reflexões sobre as funções, as possibilidades e as vontades de uma memória que vira narração. Não tem a intenção de criar teoria, mas mesmo para quem não leu seus livros ou conhecia suas lutas, *Fora do lugar* parece ser a justificativa de seus erros e acertos, dores e amores.

Ou seja, um ego-escrito, pois nos faz perceber a relação entre vida e prática acadêmica e abre um horizonte de possibilidades. Principalmente, a de utilizar a perspectiva construtivista, desenvolvida por Siegfried Schmidt, na análise da prática da escrita como proposta de vida. Além dos conceitos de Humberto Maturana sobre emoções e linguagem, que me fizeram entender mais claramente o que Beatriz Sarlo (2004) afirma: uma sociedade não se sustenta apenas por suas instituições, mas, principalmente, por sua capacidade de gerar expectativas de tempo. O corpo e o tempo estão ligados: uma vida é um corpo no tempo.

Fora do lugar é um livro escrito por Said em sua maturidade profissional, com molduras teóricas construídas que o impulsionaram, a partir de uma crise (e como diz Pierre Nora – 1984, o bom dela é o que revela), a realizar uma pesquisa sobre seu processo de socialização, sobre a construção social de sua identidade, totalmente ligada à causa Palestina, à literatura e à família.

Há um ótimo exemplo na metade final do livro. Em setembro de 1991, ele estava em Londres (“40 anos depois de ter deixado o Oriente Médio rumo aos Estados Unidos”, p. 316) para um seminário que visava discutir com intelectuais e ativistas palestinos a Guerra do Golfo e “o fatal posicionamento

dos líderes palestinos ao lado de Saddam Hussein” (p. 316) e articular um conjunto comum de temas que impulsionasse a autodeterminação do povo palestino (“Vínhamos de todo o disperso mundo palestino – da Margem Oeste e Gaza, da diáspora palestina em vários países árabes, da Europa e da América do Norte”, p. 316). Mas o seminário transpirou frustração: “a interminável repetição de argumentos mais que conhecidos, nossa inabilidade em nos concentrar em uma meta coletiva, o aparente desejo de ouvir apenas a nós mesmos” (p. 316).

Esse foi o contexto para contar que, em um intervalo, ligou para Mariam, sua mulher, e para seu médico, Charles Hazzi, com a intenção de saber sobre exames de rotina. Foi, então, que recebeu o diagnóstico de leucemia linfocítica crônica (LLC). São seis páginas que articulam doença, corpo, escrita e memória de uma forma belíssima.

Said conta que demorou a perceber o impacto, até que um mês depois de receber o diagnóstico se viu escrevendo uma carta para a mãe, que havia morrido um ano e meio antes, repetindo um hábito mantido desde que saíra do Cairo, em 1951 – “o anseio de me comunicar com ela suplantou a realidade factual de sua morte” (p. 317); “um vago impulso narrativo parecia agitar-se dentro de mim, mas eu estava tomado demais pela angústia e pelo nervosismo de minha vida com LLC para dar atenção a ele” (p. 318).

Ele, então, vai à busca de “pedaços de vida e pessoas” que não estavam mais nos lugares que sua memória buscava. Edward Said diz logo no prefácio: “minha memória mostrou-se crucial para a faculdade de manter-me em funcionamento durante períodos desgastantes de doença, tratamento e angústia”. (p. 11). Era a doença, sentida no corpo, que o impelia a lembrar de pessoas e lugares que não existiam mais, “embora eu me espante frequentemente com o tanto que carrego deles dentro de mim” (p. 11).

Em 1992, foi com a mulher e os filhos à Palestina – a primeira visita dele em 45 anos; a primeira da vida deles. Em 1993, foi ao Cairo “em meio a uma missão jornalística para visitar velhos fantasmas” (p. 318). Era monitorado a distância pelo médico, até que em março de 1994 começa a quimioterapia:

Me dei conta que tinha entrado, se não na fase final da minha vida, ao menos no período a partir do qual não haveria volta a minha antiga vida – como Adão e Eva ao deixar o Paraíso. Em maio de 1994, comecei a trabalhar neste livro.

Esses detalhes são importantes para explicar a mim mesmo e aos leitores como o desenvolvimento deste livro está intimamente vinculado ao andamento, às fases, aos altos e baixos, às variações de minha doença. Quanto mais fraco eu ficava e o número de infecções e surtos de efeitos colaterais aumentava, mais este livro era minha maneira de construir alguma coisa em forma de prosa, enquanto em minha vida física e emocional eu lutava com as angústias e as dores da degenerescência. Ambas as tarefas se resolveram nos detalhes: escrever é ir de uma palavra a outra, sofrer uma doença é passar pelos degraus infinitesimais que levam você de um estado a outro (p. 318-319).

Apesar da força dessas palavras – e da relação entre o registro de sua vida e a doença –, ela não está na maior parte do livro, pois ele se dedica à sua infância e juventude. Era uma relação importante, pois a memória era uma “reflexão concentrada em uma investigação arqueológica de um passado muito distante e essencialmente irrecuperável” (p. 319).

A certeza da morte do corpo doente (“desde o início eu soube que não existia cura”, p. 319) e da implacável ação do tempo/velhice o faz percorrer o início de sua vida, lembranças de fatos que o afetaram e ajudaram a construir sua identidade.

Bom momento para o desenvolvimento da relação entre as perspectivas construtivistas acerca do observador, que possibilita perceber a diversidade de vozes e da história que nos cerca, nos delimita. É a percepção de que é a nossa atualidade que se opõe ao tempo, assim como à eternidade.

A escrita autobiográfica de Said pode então ser inserida na produção teórica de uma região que ele mesmo diz idealizada (Cairo, Jerusalém Líbano); do mundo acadêmico americano dos anos 50; da construção da memória e sua concretização através da narrativa; da explicitação das diferenças culturais entre oriente e ocidente. Além disso, propõe a construção de uma experiência, que de acordo com Schmidt, é sempre uma vivência compartilhada pelo relato que se faz dela. Quadros sociais que fazem a memória de Said não ser independente de seu grupo social nem da forma como é revelada.

A primeira frase de Said no livro é: “*Fora do lugar* é um registro de um mundo essencialmente perdido ou esquecido” (p. 11). Então, o que ele visita

são *lugares de memória*, carregados de uma vontade de lembrar o que pode ter forjado a sua postura de intelectual. Sua escrita, aliás, parece ser um exemplo prático daquilo que ele disse sobre a atuação de um teórico:

Um intelectual é como um naufrago que, de certo modo, aprende a viver *com* a terra, não *nela*; ou seja, não como Robinson Crusoé, cujo objetivo é colonizar sua pequena ilha, mas como Marco Pólo, cujo sentido do maravilhoso nunca o abandona e que é um eterno viajante, um hóspede temporário, não um parasita, conquistador ou invasor (SAID, 2005, p. 67).

Dessa forma, ele também deixa claro que não é um autor inocente, apesar de, como diz Bourdieu, isso não excluir certa ingenuidade. Este trecho é uma prova: “Como uma das principais respostas à minha doença, encontrei neste livro uma nova espécie de desafio – não apenas uma nova espécie de vigília, mas um projeto tão distante da minha vida profissional e política quanto me é possível” (p. 320).

No prefácio à edição de 2003 de *Orientalismo* (2007a), ele se remete a *Fora do Lugar* (2004) como a descrição dos mundos estranhos e contraditórios em que cresceu: “Contudo, era apenas um relato muito pessoal, que deixava de fora todos os anos de meu engajamento político, iniciado depois da guerra árabe-israelense de 1967” (SAID, 2007a, p. 12).

O livro é um olhar do presente e não escapa em nenhum momento disso. Afinal, a premissa construtivista aqui apresentada defende que nossa mente não só olha para as coisas e se posiciona diante delas, como constrói aquilo com o qual se relaciona com base nos processos de seleção e contingência. E nos leva também a perceber que sem a trajetória do menino Said provavelmente não existiria uma sólida crítica ao colonialismo e a qualquer forma de violência política.

Além disso, esse desejo/postura parece contraditório com o que ele mesmo defende. Mesmo que a vida cotidiana constantemente prove o contrário, fica claro como a tentativa de autonomização da vida em sociedade se caracteriza como expressão política e ideológica contemporânea, que busca apresentar a existência de separação rígida das dimensões da vida humana. Por exemplo, a economia é apresentada descolada e independente da política, que

também seria independente de uma dimensão social, posta em oposição a questões individuais.

Edward Said recuperou as discussões – levantadas por Theodor Adorno – sobre como, na modernidade, a estética e o social devem ser mantidos em estado de tensão irreconciliáveis (SAID, 2003, p. 30). Talvez, por isso, ele enfatize a necessidade de construir possíveis papéis de escritores e intelectuais em um mundo marcado pela aceleração do tempo e pelas inúmeras possibilidades midiáticas de divulgação.

Ele também defendia o papel simbólico especial do escritor como um intelectual que testemunha a experiência de um país ou de uma região, dando a essa experiência uma identidade inscrita para sempre na agenda discursiva global (SAID, 2003). Colado à sua identidade está a questão política e humanitária.

Entendo que a postura de afirmar a diferença com as palestras, os seminários, as aulas, as entrevistas possa ter relação com seus críticos. Entre inúmeras, cito uma que teve grande repercussão no Brasil e outra por entender que resume as demais.

No dia 29 de setembro de 2003, foi publicado no jornal *Folha de S. Paulo* o artigo “Edward Said (1935-2003)”, do crítico e poeta Nelson Ascher (2003), menos de uma semana após a morte de Said, em Nova York.

Ascher argumenta que Said – por seu engajamento – introduziu no meio acadêmico um parâmetro falho de análise sobre sociedade e cultura: o de avaliar pessoas e trabalhos não por suas aptidões, mas por inclinações políticas. Desse modo, a influência intelectual de Said seria avassaladora e perniciosa:

A leucemia que, há poucos dias, matou Edward Said prolongou-se o bastante para que o polemista e ativista político radicado nos Estados Unidos pudesse assistir à falência de seus projetos e expectativas. Said deve sua reputação a ter se tornado o mais articulado defensor da ‘causa palestina’, algo que nada tinha de difícil se considerarmos que seus competidores nessa área, quando não estão ocupados explodindo ônibus escolares ou pizzarias, satisfazem-se divulgando falsificações antissemitas. Ainda assim, sua dança acadêmica dos sete véus, sobrepondo camadas de jargão marxista, anti-imperialista e pós-colonial, jamais ocultou que seus objetivos eram idênticos (ASCHER, 2003).

Para ele, *Orientalismo* “é uma diatribe confusa, desinformada e raivosa que se resume na aplicação a um caso particular da tese genérica de acordo com a qual intelectuais são, em sua maioria, lacaios da classe dominante”. E termina: “as verdadeiras vítimas de suas ideias foram antes seus conterrâneos que ele ajudou a conduzir rumo a novos desastres”.

No dia 4 de outubro, o jornal publica uma breve resposta, com 187 assinaturas: “O artigo do sr. Nelson Ascher, a pretexto de comentar a morte de Edward Said, é uma ofensa a todos os que alimentam, como fez o intelectual palestino durante toda a sua vida, a esperança de ver israelenses e palestinos conviverem em paz, com justiça. O escrito é uma baixeza deliberada e covarde, que merece repúdio, e não resposta”.

Entre os assinantes, Antonio Candido, José e Guita Mindlin, Francisco de Oliveira, Arnaldo Antunes, Celso Furtado, Roberto Schwarz, Marilena Chaui, Emir Sader, Raduan Nassar, Milton Hatoum, Davi Arrigucci Jr., Fábio Konder Comparato, Fernando Novaes, Monique Gardemberg, Jacob Gorender, Renina Katz, Liana Aureliano, Ricardo Antunes, Luiz Gonzaga Belluzzo, Paulo Sergio Pinheiro, Flávio Aguiar, Ana Luisa Escorel e Michel Rabinovitch, cientista na área de parasitologia, que ironicamente disse aos amigos: “infelizmente agora, aos meus 77 anos, não daria para escrever sobre o Ascher no dia seguinte à morte dele”.

A outra é de Jeff Jacoby (2000) e foi publicada logo depois da primeira edição das memórias:

Edward Said, o mais renomado intelectual palestino, demonstrou não passar de uma grande fraude. A experiência, aparentemente, não lhe ensinou nada. Durante décadas Said passou por ser um exilado – um árabe nascido e criado em Jerusalém, expulso por Israel na guerra Árabe-Israelense de 1948. Essa foi a história que ele sempre contou, permeando sua narrativa com detalhes cheios de emoção [...] a trágica história de Said era, em grande parte, fabricada [...] Justus Reid Weiner mostrou em *Commentary*, um influente jornal. Weiner investigou a expulsão dos Árabes de Talbiyeh em 1947 e nada foi encontrado. Ele checkou também os registros de estudantes no Colégio St. George e não havia nenhuma menção a Edward Said. Ele entrevistou David Ezra, o estudante que teria sentado nas últimas fileiras com Said. Bem, por causa de sua dificuldade de ler, Ezra sempre sentou nas primeiras filas (JACOBY, 2000).

O que me impressiona é o ataque pessoal das críticas, que ignoram os trabalhos teóricos e as exposições públicas que o próprio Said faz. Jacoby, por exemplo, continua o texto chamando-o de mentiroso – “logo ele que pregava que os intelectuais deveriam dizer a verdade” – e de poderoso (?), pois eles entregaram as “provas” à Columbia, que não demitiu o “Professor do Terror”. Título oposto ao que pregou Said, um crítico veemente e coerente da violência política em todas as suas formas.

O fato é que Said se expõe incomensuravelmente em suas memórias – são nomes, datas, lugares e fotos, muitas fotos, dele e de sua família, fragilidades, como se quisesse compartilhar as lutas e conquistas mais pessoais. Também explicita, todo o tempo, o caráter construtivos de sua memória e a habilidade narrativa. O que vejo no livro é que Said mostra, indiretamente, como foi possível mais tarde construir uma teoria que desnudou um poderoso mecanismo de dominação cultural e a possibilidade de vencer seus medos em nome de causas relacionadas a questões de justiça social.

Lembro-me dos fatores que envolvem os processos de formação e da representação da identidade que, segundo Schmidt, devem ser observados com o olhar para os aspectos cognitivo, afetivo e moral, todos profundamente interconectados. E isso tem um preço...

Said estudou parte de sua infância e adolescência no Egito, também colonizado. Em um país de maioria muçulmana, se sentia fora de lugar como parte de uma família de árabes cristãos. Pai e mãe eram palestinos, mas seu pai, Wadie Said, tinha cidadania americana, estendida aos filhos, e a mãe era descendente de libaneses. O conflito e o estranhamento vinham com seu próprio nome Edward, dado em homenagem à família real inglesa. Isso se intensificou quando saiu da escola inglesa para americana, onde Said não era Sigheed:

ACSAC me obrigou a ver em Edward, com mais seriedade do que nunca, uma construção falha, assustada e incerta. A sensação geral que eu tinha de minha problemática identidade era a de um americano dentro do qual espreitava outra identidade, árabe, da qual eu não extraía nenhuma força, apenas embaraço e desconforto (p. 140).

Depois, quando foi para os Estados Unidos continuar os estudos, sentia-se em um país onde os árabes são sempre estrangeiros, o que dá outro caráter a seu exílio. Ele admite que em um primeiro momento “sentia vontade de desaparecer”. O ativismo político veio em 1967, com a Guerra de Seis Dias, com o qual percebeu que seu mundo, como o conhecia, havia desmoronado. Só então encontrou e se relacionou com outros árabes nos Estados Unidos.

Havia ainda sua postura, seu físico, sua voz. Tudo parecia inadequado. E havia o peso de parecer incapaz de preencher as expectativas e resistir às pressões do pai, um próspero comerciante, e entregar-se ao refúgio que encontrava no amor da mãe, ambíguo e manipulatório – “A enloquecedora insistência de minha mãe em achar que, pelo fato de me amar, era a única que sabia o que eu era, o que havia sido e o que sempre seria me deixava furioso” (p. 373).

Sobre o pai, há duas passagens que dão, literalmente, corpo a essa voz:

Ele sabia ser fisicamente violento e me dava tapas sonoros [...] Eu lastimava sua força e minha fraqueza, mas nunca respondi ou protestei, nem mesmo quando, estudante de graduação em Harvard, aos vinte e poucos anos, fui surrado por ele de forma humilhante por ter, segundo ele, sido rude com minha mãe [...] Quando perdia a calma, minha mãe também me golpeava no rosto e na cabeça, mas com menor frequência e muito menos força.

Agora, ao escrever isso, tenho a chance, muito tarde na vida, de recordar as experiências como um todo coerente que, por estranho que pareça, não deixou nenhuma raiva, só alguma mágoa e um amor residual surpreendentemente forte por meus pais [...] O que não consigo perdoar completamente, porém, é o fato de que a batalha em torno do meu corpo e as correções e punições físicas que meu pai me impôs instilaram em mim um profundo sentimento de medo, que passei a maior parte da vida tentando superar (p. 105-106).

Sim, mas o pai, como ele diz em todo o livro, tinha uma espantosa disposição de deixá-lo seguir seu caminho, dando confortos, mandando dinheiro, se emocionando a cada formatura, até mesmo vendendo o comércio que seu único filho varão não iria assumir quando ele começa a carreira de professor.

Quando Said descreve sua memória sobre a doença de seu pai nos ajudar a acompanhar essa linha de pensamento. Diz ele que, na época, só depois de algum tempo teve a noção da gravidade da situação. Mantinha-se em uma

distância segura, apreensivo, mas desconectado. Mas que ao narrá-la, agora, era capaz de, em uma sequência de imagens mentais instantâneas:

Ver seu corpo ser tomado por uma horrível invasão rastejante de células malignas, os órgãos lentamente devorados [...] Era como se os alicerces cuidadosamente construídos para manter e nutrir minha vida fossem subitamente solapados, deixando-me em pé sobre um escuro vácuo. O que eu sentia mais do que qualquer outra coisa era que minha conexão direta física com meu pai corria perigo de completa ruptura, deixando-me desprotegido e vulnerável, a despeito de meu desagrado com sua presença exigente e intimidadora [...] o que seria de mim sem ele? O que substituiria aquele amálgama de força confiante e vontade indestrutível ao qual eu havia ficado irrevogavelmente ligado, e pelo qual eu percebia que havia sido inconscientemente seduzido? (p. 376/377).

Por isso, para Humberto Maturana (2005), emoção e afeto são conceitos fundamentais. Se observarmos as ações do outro, conheceremos suas emoções como fundamentos que constituem suas ações. Não conheceremos o que poderíamos chamar de seus sentimentos, mas o espaço de existência efetiva em que esse ser humano se move. Said se movia no espaço do afeto, nas marcas em seu corpo das lembranças da vida.

Estão ali a repressão sexual, traduzida no amor nutrido por Eva durante anos, no medo de casar – “nosso relacionamento físico continuava apaixonado, mas não consumado” (p. 371); a paixão incomensurável pela mãe e pelas artes, principalmente literatura e música – indissociáveis também:

Ela tinha me dado alguns romances russos para ler e neles, durante minhas semanas de segregação nos EUA, descobri um mundo turbulento, mas no fim das contas autossuficiente, um baluarte contra as aflições da realidade cotidiana. Ao ler *Os irmãos Karamazov* senti que havia encontrado uma elaboração da disputa familiar entre meu pai, seu sobrinho e minha tia [...] (p. 325).

Também estão a vida na universidade americana nos anos 50 – “a envenenada atmosfera social de Princeton” (p. 402) –, mas que possibilitou o estudo em humanidades e aulas de música, filosofia, francês e inglês; o encontro com dois professores: R. P. Blackmur, que lhe proporcionou o prazer secreto da interpretação como algo mais que paráfrase ou explicação (p. 402); e Arthur Szathmary, que “fazia a gente sentir que a enunciação precisa de objeções e falhas era uma atividade da mais alta ordem” (p. 403). Caminhos para as leituras contidas em *Orientalismo* e da incômoda postura contra os discursos hegemônicos?

Assim como os verões no Líbano, o drama da família que perdeu tudo, a ação humanitária da tia que recebia refugiados diariamente na tentativa de amenizar suas vidas sofridas no Egito, a luta emocional de um menino que vivia intensas e constantes sensações de desterro – ali conhecemos a formação da principal voz do mundo árabe muçulmano da Palestina que era cristão anglicano; o crítico intransigente do imperialismo educado em escolas coloniais de elite; aquele que se formou nos Estados Unidos e se autodeclarava americano árabe, que por muitos anos falou com mais facilidade francês e inglês.

Schmidt (2007) afirma que o estágio de uma pesquisa implica-se diretamente à trajetória de uma vida, com uma biografia de experiências.

Mas experiência e explicação são coisas distintas. Ao propor uma explicação, se faz escolhas. E os critérios que utilizamos para aceitar uma explicação são os baseados em nossos processos de socialização, inclusive as explicações e os modelos de realidade.

Assim, aceitar uma explicação, ou um relato, de vida, de teorias, significa que aceitamos a legitimidade do mundo do outro – mesmo que discordemos dele. Significa perceber que depende de meu processo de socialização como leitora e dos pressupostos que utilizo na leitura a capacidade de incluir o outro em meu mundo.

E esse outro é Edward Said, que morreu aos 67 anos, em 2003, vítima de leucemia. Em 1951, emigrou para os Estados Unidos e, desde a década de 1960, lecionava literatura na Universidade de Columbia, em Nova York. Mantinha uma coluna de crítica musical no jornal *The Nation*. Era reconhecido como o único intelectual palestino de renome mundial. Acreditava que a única solução para palestinos e israelenses seria a convivência em um mesmo país, com um regime democrático que desse representação aos dois grupos. Era cristão protestante, da Igreja Anglicana, tinha dois filhos, casado com uma americana Quacker, descendente de libaneses.

Mulher que escreveu uma carta lindíssima quando de sua morte, contando-nos que, como professor, Edward passou sua vida desafiando e

provocando seus estudantes e leitores a despertarem suas “faculdades crítica e imaginativa” e a instigarem o “processo complexo da descoberta intelectual (e da autodescoberta)”. Queria que eles buscassem seus territórios intelectuais como ele tinha feito:

Lembro-me de ter recebido as condolências de um de seus estudantes, que me contou como Edward ativou o melhor de suas habilidades intelectuais. Apresentara um tema bastante complexo e difícil para sua tese de doutorado, e Edward ficou entusiasmado com o desafio. No entanto, o estudante não conseguia decifrar o problema e quanto mais estudava, mais difícil se tornava. Desesperado, o estudante procurou Edward, que lhe fez uma série de perguntas. Após uma hora de discussão, o tópico ficou perfeitamente claro para o estudante (MARIAM SAID).

Ela também nos conta que Said defendia ardorosamente que a única maneira de solucionar o conflito entre árabes e judeus será criando igualdade, permitindo que cidadãos, independentemente de suas origens étnicas ou religião, tenham direitos iguais sobre a mesma terra: “No livro *The question of Palestine*, ele discorre sobre a formação de um Estado binacional, onde um povo teria que admitir a existência do outro. Quando ponderavam que isso parece mais uma utopia, ele respondia: ‘Olhem para a alternativa’” (MARIAM SAID).

E tudo isso está em *Fora do lugar*. Lendo o livro percebo que Said escreve para aqueles que conhecem suas molduras teóricas – e como já disse, uso esse termo pelo que expõe o que está de fora e pelas fronteiras que tenta estabelecer –, seus trabalhos acadêmicos e militâncias que, segundo ele, “pareciam afastá-lo dos vários mundos e diferentes experiências deste livro” (p. 328). No entanto, elas estão ali, na tumultuada união entre Ocidente e Oriente que aparece em seu nome, contando a história de um país que não existe mais, envolto em tamanha emoção, que vislumbramos a possibilidade da união das diferentes culturas e perspectivas em vidas no mundo e corpos no tempo.

Lembro que, para Siegfried J. Schmidt, isso não é uma abstração filosófica ou a possibilidade de pensar em um observador ideal, mas práticas de vida cotidiana. Por isso, o ego-escrito de Edward Said é também possibilidades do corpo no texto, na dor do encontro com a exterioridade, a capacidade de ser

afetado pelas forças do mundo. Mas ao reconhecer a emoção como motivadora, utiliza e percebe as palavras não somente como meios para revelar nosso pensar, mas para projetar o curso do fazer. Assim, Said permite que os afetos que marcaram seu corpo deixem também marcas em suas escritas teórico-conceituais que perpassam a construção de suas memórias.